

# Guimarães

## Apontamentos para a sua História

Padre António José Ferreira Caldas

2.ª Edição, Guimarães, CMG/SMS, 1996, parte I, pp. 235/238

### **FEITOS PATRIÓTICOS E FESTEJOS PÚBLICOS NA EXPULSÃO DOS FRANCESES EM 1808**

A nobre vila de Guimarães, sempre digna da singular prerrogativa de « berço da monarquia», foi ainda a PRIMEIRA das cidades e vilas da sua província a quebrar animosamente os duros ferros da escravidão francesa, na memorável tarde de 18 de Junho de 1808.

Sem reбуço e com o mais decidido entusiasmo e valor, gritou vivas e aclamações aos nossos legítimos soberanos, à nossa liberdade e à santa religião, cantando-se logo uma devota ladainha a Nossa Senhora da Oliveira.

Em acto contínuo formam os filhos de Guimarães uma solene procissão, com os retratos dos príncipes regentes, levados debaixo do palio pelas primeiras dignidades do cabido; tremulando na frente os estandartes reais, e formando o préstito o clero, magistrados, nobreza e imenso povo, cantando-se ao recolher na colegiada um solene Te-Deum entre lágrimas de alegria.

Mas conhecendo os briosos vimaranenses, que não era ainda tempo de cantar vitória em ruidosos festejos, marcham em grande número às margens do Douro a perseguir a divisão francesa: e confiados mais na Virgem do que nas suas armas, fazem aclamar a restauração por todas as cidades, vilas e povoações, por onde passam.

Os nossos mancebos concorrem briosamente para a formação dos regimentos de linha e de milícias; e os mesmos privilegiados das tábuas vermelhas, não querendo ser privados desta honra, correm a formar um batalhão; não se poupando a despesas, nem a trabalhos, nem a exercícios militares, para se instruírem na arte da guerra; e amestram-se com tanta insistência e valor, que por ofício do seu comandante em 4 de Agosto, pedem à regência do Porto, que os incorpore no exército combatente.

Não satisfeito Guimarães em sacrificar o melhor de seus filhos à pátria, concorre ainda alegre e generosamente para as urgências do Estado. Os particulares, tanto seculares como eclesiásticos, oferecem os seus cavalos para a remonta da cavalaria; parelhas para o trem de artilharia; bestas muares para transportes; grãos e palhas, e donativos em dinheiro, que somaram mais de quarenta mil cruzados, fora os donativos das irmandades e cinco mil cruzados que dera o cabido, e além ainda de valiosíssimos empréstimos gratuitos.

Os que involuntariamente não puderam ir combater o inimigo, ficaram nos templos de Guimarães implorando a misericórdia do Senhor, com deprecações e ladainhas, em tríduo de penitências públicas, jejuns voluntários, preces solenes, e sermões fervorosos; celebrando-se nesta ocasião a compungente procissão de penitência com a imagem do Senhor da Agonia, da colegiada, conduzida pelas ruas principais por seis cónegos descalços.

Não cessaram estes actos religiosos, a que assistiram sempre os magistrados, enquanto não chegara a notícia oficial da restauração de Lisboa, comunicada pela junta do Porto em 20 de Setembro.

Apenas se soube aqui de tão fausto e glorioso acontecimento, rompeu a vila em públicas e extraordinárias manifestações de regozijo e alvoroço, com repiques de sinos, Te-Deum, e iluminação por toda a vila e lugares e aldeias vizinhas, sem excepção das mais pobres cabanas.

O D. prior, o cabido e a câmara determinaram que os dias 28, 29 e 30 de Outubro fossem destinados para acções de graças e aplausos públicos por tão desempenho.

A colegiada armou-se com a maior magnificência possível; e para as festas foram convidados os primeiros professores de música de toda a província.

No primeiro dia houve missa solene com o Senhor exposto, celebrando o reverendo arcediogo de Vila Cova, e ministrando-lhe dois

cónegos, com assistência de todo o cabido, senado, juiz de fora, corregedor, desembargador, provedor, e todos os oficiais de justiça, vestidos à corte, além dos cavaleiros de todas as Ordens militares, nobreza, clero regular e secular, e todo o povo, que podia acomodar-se no recinto do templo.

Pregou neste dia, depois de Vésperas a grande orquestra, o reverendo padre-mestre frei António de Moizelos, da província da Soledade.

No segundo dia celebrou o reverendo mestre-escola, com a mesma pompa e assistência, sendo orador a vésperas o reverendo frei José Maria, monge de S. Jerónimo.

No terceiro dia celebrando o reverendo cónego tesoureiro-mor, foi orador o reverendo António Lourenço de Queirós, presbítero secular, um dos mais notáveis oradores desta província. Neste dia depois de Vésperas e soleníssimo Te-Deum, saiu uma esplêndida procissão, que percorreu as principais ruas da vila, sendo composta do modo seguinte:

Na frente, montado num soberbo cavalo, ricamente ajaezado, ia o invicto S. Jorge, com o seu estado luzido e numeroso; seguiam-se as corporações dos ofícios debaixo das respectivas bandeiras, ricas e feitas de novo, vestindo os juízes e oficiais à corte, com o maior asseio: depois as confrarias e irmandades; a bandeira da vila, levada pelo ex-procurador da câmara, pegando aos cordões dela os almotaces de então; adiante desta, a corporação dos ourives com suas tochas, precedida pelos escrivães do auditório, todos vestidos à corte.

Seguiam-se as Ordens Terceiras, as comunidades regulares, a cleresia da vila e contornos, os cavaleiros das três Ordens militares com os seus mantos e insígnias, o corpo do cabido, paramentado de capas de asperges, e no meio a devotíssima imagem de Nossa Senhora da Oliveira, riquissimamente vestida.

No fim o Santíssimo debaixo dum palio precioso, pegando às varas os ex-veredores, vestidos à corte, e acompanhando os magistrados e os seus oficiais e a nobreza: e formando a guarda, precedido de uma banda marcial, o corpo do batalhão dos soldados privilegiado a de Nossa Senhora da Oliveira, luzidamente fardados, com os seus dois estandartes.

No terreiro de S. Francisco, achava-se postado um corpo de milícias, dando salvas de artilharia ao som da sua música.

Nas noites dos dias 30 a 31 de Outubro e 1 de Novembro, acenderam-se brilhantes iluminações, tocando por essa ocasião várias

orquestras, queimando-se variado fogo de artifício e recitando-se mimosas poesia - assistindo sempre a tão notáveis festejos imenso povo, que concorrera de toda a província, com geral satisfação e boa ordem.

Das iluminações de então, eram as mais aparatosas e elegantes as da câmara e cabido; e das particulares a do alcaide proprietário João Teixeira.

A curiosíssima descrição destas iluminações, sem rivais nos nossos dias, lê-se num curioso e raro folheto, impresso em Lisboa em 1808, intitulado **RELAÇÃO DO QUE SE PRATICOU EM GUIMARÃES EM APLAUSO DA FELIZ RESTAURAÇÃO DESTE REINO.**

Na noite do dia 30, no espaçoso campo da Feira, houve o mais esplêndido e aparatoso espectáculo de fogo de vistas; subindo então ao ar imensos foguetes com diversas representações e muitas vistas alegóricas, entre as quais se representava um renhido combate entre portugueses e franceses, acabando estes por cair vencidos; voando finalmente pelos ares, sobre duas grandes girândolas de fogo, os generais Junot e Loison.

À frente deste campo formou-se um grande palácio, e sobre ele um torreão nobre, no qual se representavam os retratos de Suas Majestades e Altezas, como espectadores, com a mais vistosa iluminação de fogo de artifício: e na sua frente avultava um grande quadro, que ardendo de repente, deixava ver em letras bem distintas este dístico: Viva a família real de Bragança! Viva! Viva!

No dia 4 de Novembro, a expensas do D. prior e cabido, celebraram-se soleníssimas exéquias pelo eterno descanso dos que morreram no campo da batalha, com a assistência da câmara, magistrados, nobreza e povo - sendo nelas orador o reverendo padre-mestre frei José Cristelo.

Distribuíram-se por esta ocasião missas gerais pelas comunidades religiosas, e presbíteros seculares e regulares, bem como também muitas esmolas aos presos, pobres entrevados, e mais indigentes da vila, tudo à custa do D. prior e cabido: terminando assim, dum modo tão digno e tão justo, as demonstrações de regozijo pela nossa restauração, que deverá ficar para Guimarães uma comemoração assinalada e gloriosa.